

O ESTADO DE S. PAULO - Quarta-feira, 2 de Abril de 1919

oliceu a seguir a jovem seminarista... a futura gloria do clero. Prevista essa que nada tinha de extravagante porque Mello Moraes Filho, adestrado no difficil manejo da palavra oral pelo celebre e genial actor João Caetano...

Por auctoridade do Diocese do Rio de Janeiro estava accephala. Fallecera o bispo conde de Irajá, o sabido D. Manuel do Monte, que a presidia. De modo que, para receber as ordens sacras, tinham os seminaristas de ir a Bahia. Mello Moraes Filho estava perfeitamente a propósito com essa felicidade, hombrando assim com Mont'Alverne, que ainda vivia e deixava algumas vezes a solidão da sua cela, para projectar sobre a turba deslumbrada dos fiéis o intenso clarão do seu verbo fozoso.

Ao pôr do sol sobra obra estranha... toda a poderosa edição promissoria, mas resolido a retardar o quanto possível o acto da ordenação. Era um excellento estrategema. Quem sabe se aquella formidável perturbação interior, fruto de uma apressada e talvez mal assimillada lectura...

Florescia então, na Bahia, a celebre pleiade dos poetas repentinistas da nossa literatura. da qual o mais graduado representante é, talvez, o velho Muniz Barreto. Castro Alves ainda não viera para S. Paulo. Lá estava na casa de um amigo, mestre de escola, e lento da Faculdade de Medicina...

A triste noticia da morte de Mello Moraes Filho causou em S. Paulo profundo pesar. Já aqui o conheciamos pela sua obra litteraria; mas foi por occasião das festas tradicionais organizadas pela Sociedade de Cultura Artistica sob a direcção de Affonso Arinos...

Mello Moraes Filho, que nasceu em S. Paulo em 1844, desceu de uma estirpe de escriptores. De seu pai, o infatigável rebuscador de archivos e bibliotecas, cuja reputação gigantesca é attestado por dezanas de obras de valor, algumas das quaes verdadeiramente indispensaveis ao estudo da nossa historia...

Intelligente, vivo, applicado, foi no Seminario um alumno distincto. E ordenou-se em 1870, e logo depois, em 1873, foi nomeado professor de Historia e Geographia no Collegio D. Pedro II. Não chegou, porém, a bacharelar-se nas letras, para a carreira ecclesiastica...

de policia, a quem pagava dois shillings e meio por noite, e o mesmo que servia Charles Dickens, quando o maravilhoso romancista, para se documentar sobre a vida de Londres, magistralmente descripta nos seus romances immortaes...

Orientado por esse experiente e cauteloso guia, Mello Moraes pôde penetrar nos mais impetraveis logares. Percorreu o quarteirão sombrio e terrificante, onde pulula, num viver comprimido e sobressaltado, infinita e tragica legião dos "pick-pockets". Conheceu a "mação amorphe e imbecillada dos fumadores de opio...

Eram passados dois annos sobre a sua partida do Rio de Janeiro. Mello Moraes estava saudoso da patria. Em Londres a fortuna não lhe sorria. Conheceu privações, supportou maguas. Destas, porém, a maior era a que lhe vinha da ausencia do torrão natal...

No Rio de Janeiro, onde desembarcou, regressando de Londres, o jornalismo novamente o empolga. A imprensa tinha então outro feitio. Não era, como com raras e honrosissimas excepções vae sendo agora, uma industria lucrativa e abjecta...

Concebida e vasada nesses moldes aleatórios, tinha a imprensa um caracter severo de apostolado. E devesse ella a qualquer léda de lucro áquelle que a tentavam, ou n ella desajavam manter-se, precisavam procurar, para viver, o arribo protector de outra profissão mais rendosa...

Era uma nova illusão. Não daria para medico, quem não tinha nascido para o. Mas a ideia da medicina desta verdade, que depois pareceria a Mello Moraes clara como um dia de primavera...

Queas são os braços melhores Os da mulher ou os da cruz? Mendonça não se desconcertou. Levou aos labios o copo, num movimento rapido, sorveu ligeiro um gole de vinho e respondeu: Para adormentar as dores Dos males do coração...

De volta do Rio de Janeiro, Mello Moraes Filho lançou-se ao jornalismo. Na "Reforma" de Lafayette, no "16 de Julho" de Alencar, no "Diário do Rio", de Saldanha Marinho, escreveu copiosamente. Um dia o Coronel Vivaldi, pae da escriptora, Londres, Francis propoz-lhe ir em a "Illustração Anglo-Brasileira". Aceitou a proposta e partiu. Partiu com a sua pena e o seu violão...

Além de Castro Alves, de quem foi amigo intimo e de quem conserva um admiravel retrato, dadia do poeta, conheceu Plinio de Lima, Elizete Arraio, Aprigio de Menezes, Carvalhinho, repentinista, Antonio Augusto de Mendonça, e muitos outros. Mendonça era um improvisador extraordinario, de fama universal na Bahia...

cinza que lhe fa parecendo uma coisa insípida, insegura e van. Quería também supprir com a sciencia aquelle vazío enorme que se lhe abria na alma, desde que della se desprendeu a creença com todas as suas tranquilisadoras certezaas. Era então o tempo de Charcot e da sua rotubante fama. Da Salignière, onde elle doutrinava a uma multidão de discipulos embuados, partiam, como de um pharol, em factos intercidentes, clarões de sabedoria...

A primeira lição de Charcot deixou na alma de Mello Moraes uma impressão indelevel. Em cada angulo do estrado sobre que assentava a tribuna do mestre estava o vulto de uma volta de queixo tremulo. Duas unhas de chorna affirmativa; as outras duas de chorna negativa. Charcot foi surprehendente de logica, de vigor, de eloquencia, ao estudar a sua these, que versava sobre o tremor dos velhos. "Shakespeare, exclamou elle, o mais profundo observador da natureza humana, que eu conheço, quando escreveu a sua comedia "Como lhe vós plaura" não apresentou o seu velho de queixo tremulo...

No espirito de Mello Moraes, essas palavras calaram profundamente. Divina Providencia! Pois cria nessa enigmatica problematica um sabio daquella ordem? Então era um embuste grosseiro, um egoismo, incomportabilidade da religião, de uma patibildade da religião, de uma realidade tangível! Poz-se a escutar Charcot, com soffergido. Ao infulto da sua palavra clara, franca, magicamente persuasiva, repassada de um suave perfume de santidade, sentiu que era a uma, se dissipavam no seu espirito conturbado as vaidades que lhe gerara a leitura fatal. E logo o seu coração serenou. E logo a escura nuvem de descrença que o envolvia, tornando-lhe os horizontes outrora tão escampos e dilatados, começou a se desmanchar silenciosamente...

Reconciliado com o dogma christão, graças á benéfica influencia de Charcot, Mello Moraes deixou a Europa. Apertavam as exigencias da vida. Foi procurar solução para ellas em Montevideu, onde estabeleceu o seu consultorio de medico. Porquê Montevideu? Não o sabe bem o proprio Mello Moraes. Uma suggestão subitanea, uma deliberação immediata, e a partida precipitada. Bem que o retem per pouco tempo. Quasi pelo tempo estrictamente necessario á deglutição do jantar que lhe offerece o poeta D. Alexandre Magalhães Cervantes e dos versos satyricos de Ascacubia ambos seus amigos. E após quatro mezes de permanencia na capital uruguaia, cujo clima não o seduzira para a patria. Estava cansado de viajar. Percorrera a Europa, desmembradamente, mais de uma vez. Conhecia o Uruguay. Era preciso parar. Parou. Recebeu o Marquez de Paranaguá, então ministro da Guerra, a sua nomeação para medico do exercito, — cargo que desempenhou até á administração do barão Homem de Mello, quando pede demissão. — e ficou-se, definitivamente, no Rio de Janeiro.

Do Rio de Janeiro tira-o Carlos Affonso, irmão de Ouro Preto, quando é nomeado presidente da provincia do Rio de Janeiro, para o levar a Nietheroy, onde o colloca á frente da Penitenciaria, como medico e director. No exercicio de uma delicada função, que exerceu com essa delicadeza, depois da queda da Monarchia, houve-se Mello Moraes magnificamente. A Penitenciaria era uma série sombria de ergastulos da idade media. Não tinha luz. Os presos se anotovelavam ali em promiscuidade immunda, soffrendo a cada passo os assaltos depauperados do beriberi. Apenas possado no logar, Mello Moraes pôe termo a toda essa miseria. Obtem do governo a construção de officinas para os presos; obtem delle a aquisição de terras para serem lavradas pelos reclusos; constrói com o auxilio destes, novas e mais confortaveis prisões e, para combater o beriberi, que consegue extinguir, transporta os enfermos á fortaleza da Boa Viagem, junto ao mar, afim de que elles se entreguem ao preconisado uso de banhos nas aguas purificadoras do Oceano.

Quem, passando então pelo bairro do Fonseca, em Nietheroy, entrasse na Penitenciaria, não imaginaria estar ali uma casa de condemnados. Ninguém se queixava. Ninguém parecia soffrer. E os seus dias, que eram tão contentes e tranquilos, pelo menos, docemente resignados, pelo Moraes dispensava a todos um carinho paternal; era indulgente e bom. Os presos, por isso, o adoravam, consagrando-lhe um respeito que já mais concebu desconfiança. De uma feita, um delles, o 115, deappareceu. A policia lhe sahiu no encalço, ferozmente. Baidado esforço! Não houve quem soubesse dar noticias da pessoa, apesar da insistencia e promptidão das pesquisas. O chefe de policia, o dr. Wandrey, estava furioso. Foi a Mello Moraes e não lhe occultou o seu desagrado.

Que quer o dr.? — replicou-lhe flegmaticamente, Mello Moraes — o deus de todo preso é fugir... Dias passados, estando Mello no horto da Penitenciaria, cultivado pelos presos, sentiu atraz de si o tropel de cavallos e logo adividou que se lhe abracava aos joelhos. Era o 115. Pedia perdão. Tivera saudades do pae e sahiu para lhe beijar a mão. Mas ali estava outra vez, humilde, á disposição do seu director, que também parecia do seu pae, pelos benefícios de que o curava. E dizendo isto, entregou um papel a Mello Moraes. Era uma carta em que o pae do condemnado agradecia ao director a prisão e o bondoso tratamento de que gozava. Commovente castigar o bem intencido quando alcançou que o dr. Francisco Portella, então presidente do Estado, o sentasse da pena restante. Assim, humilhantemente, por actos inopportunos ao seu director a sympathia em que o tinham.

Longe iriamos, se quizessemos relatar todos esses factos. Um existe, porém, que vale a pena ser relembrado. Havia na Penitenciaria um condemnado conhecido pela alcunha de "Dr. Pomada". Era um uxoriolado. Tendo sido empreendido o grande cirurgião Manuel Feliciano, julgou-se só por isso habilitado a empunhar e manejar o escalpelo. E sua propria esposa a uma operação cesariana, que est executou. A inibila e impericia do mesmo, e este muito admirado se mostrou quando ao ser detido, lhe disseram que acabava de praticar nada menos que um assassinio. Um assassino! E a nunca houve quem dísse, o mesmo em seu antigo pae e Mello Moraes impuzeram-lhe o appellido de "Mello Pomada" pelos ares de importancia que se attribuia. Aliás, elle desentenhava alli uma grave função; era bom de rezas. Um dia o "Dr. Pomada" reservou ao director uma audiencia reservada, e pediu a Mello Moraes. E elle faltou. Quería fazer uma proposta. Coisa de um momento. Mello Moraes, depois de o pôr em liberdade, assignaria o seu logar de director. E, bons amigos, iriam ambos montar-lhe o Pomada, que consistia de pharmaceutico e Mello na qualidade de medico. Porque, concluiu Mello Moraes, "a verdade é que nunca nasci para prisioneiro nem vosso senhoria para director de prisão."

partilhava essa opinião. Sabemos apenas que, logo depois da proclamação da Republica, renunciou o seu cargo e se retirou para o Rio de Janeiro. Melhorara a triste situação...



Mello Moraes Filho

de Mello Moraes Filho... de Mello Moraes Filho...